

Introdução

Neste quarto número da *Estranhar Pessoa*, o leitor encontrará seis das oito comunicações realizadas no I Encontro dos grupos Estudos Pessoaanos e Estranhar Pessoa, intitulado “Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa” e ocorrido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, nos dias 25 e 26 de maio de 2017. As apresentações focaram tanto obras específicas de alguns dos expoentes de maior vulto do cânone crítico pessoano, quanto parte de seus temas recorrentes.

Desde a sua primeira geração crítica, estruturada em torno da revista *Presença* (1927-1940), houve, até hoje, um aumento vertiginoso nos estudos críticos sobre Fernando Pessoa. Nas duas últimas décadas, no entanto, as leituras estruturantes e as análises de grande fôlego sobre a obra do poeta passaram a ocupar menor espaço nas prateleiras das livrarias em comparação com as novas edições de sua obra, que, integradas a coleções especializadas, fizeram eclodir um fenômeno editorial sem par nesse universo literário. Em face dessa nova era nos estudos pessoanos, a revisão de alguns de seus trabalhos críticos mais marcantes constitui um recorte histórico revelador.

Diante daquela que é, provavelmente, a mais extensa fortuna crítica de um escritor moderno em língua portuguesa, tão impossível quanto não deixar de fora referências fundamentais, seria incluir a todas. Sem a intenção de sumarizar ou relacionar textos, as seis leituras que compõem este caderno tornam visíveis tanto o alto potencial hermenêutico decorrente da revisão crítica desses trabalhos, quanto, sob a aparência de mudança contínua transmitida pela sucessão de gerações de leitores de Pessoa, suas inusitadas permanências.

A proposta do encontro, sendo essencialmente metacrítica, identifica-se com clareza nas diretrizes comuns aos trabalhos aqui publicados. A ideia de que a perspectiva crítica contemporânea tem filiações identificáveis é fundamental a todos os textos, seja porque as perguntas que muitas vezes fazemos, seja porque as respostas que por vezes encontramos, reportam-se a debates e reflexões formulados anteriormente. Os textos aqui presentes tratam, portanto, de reler, atenta e distintamente, a crítica do passado, posicionando sua própria autoria como uma construção dialógica com relação a outras autorias. Ao mesmo tempo que essa revitalização crítica se faz visível, é também sensível nos textos apresentados um movimento de reavaliação do passado, de tal modo a realçar a tonalidade de certas passagens, lançar luz sobre zonas de sombra, deslocar pontos cegos e superar alguns de seus impasses.

Nesse contexto, o texto apresentado por Caio Gagliardi na abertura do evento, “Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa: o tempo cultural presencista”, é particularmente revelador. A um só tempo apresentação geral à temática do encontro e a parte das atividades desenvolvidas pelo Grupo Estudos Pessoaanos, por ele coordenado na Universidade de São Paulo, a fala do professor se detém no impacto que estudos desenvolvidos por dois intelectuais inicialmente articulados em torno da *Presença* promoveram durante as décadas subsequentes à morte do criador dos heterônimos, contribuindo de modo decisivo para a formação de uma colossal biblioteca sobre o autor. Efetivamente, o interesse suscitado pela leitura de Gagliardi consiste menos no fato de esta se lançar à retomada de posições defendidas por João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro do que no fato de nelas identificar as sementes de “filtros culturais” que ainda hoje condicionam nossa aproximação da obra de Pessoa, seja na condição de *scholars*, seja na condição de amadores. Chama-se a atenção, deste modo, para o brilho de passagens da ambiciosa *Vida e obra* escrita por Gaspar Simões, que não a deixam ser reduzida ao psicologismo causalista que embasa os juízos estéticos ali formulados, bem como para a tentativa, ainda que não bem-sucedida, de Casais Monteiro em operar uma reviravolta em tal perspectiva crítica, mirando uma leitura mais textual do fenômeno heteronímico. O artigo se propõe, em síntese, a colaborar para a constituição de um trabalho sistemático e de maior fôlego a propósito da herança interpretativa cristalizada por mais de meio século nos estudos pessoanos.

Complementando a mesa de abertura do encontro, o ensaio de Rita Patrício, “Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, prefaciadores de Pessoa”, consiste na revisão crítica dos importantes prefácios de Lind e Prado Coelho, editores que, nas *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação* (1966) e nas *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* (1967), trouxeram à tona um novo Pessoa fundamental – o “teorizador e ensaísta fragmentário”. Se muitas das questões levantadas e dos problemas discutidos nesses prefácios disseminaram-se pela fortuna crítica do escritor, a professora da Universidade do Minho, ao acompanhá-los de perto, revela-nos os “embaraços críticos” de seus autores, por terem tomado a prosa estética de Pessoa como “subsidiária de uma prática poética”. A inexistência de uma unidade para além da diversidade dos fragmentos publicados é encarada como decepcionante pelos críticos, que ali procuraram um farol para a poesia. Esse diapasão judicativo, aliado às reservas de Lind e Prado Coelho a respeito da prosa estética pessoana, em comparação com a sua poesia, é um dos aspectos mais destacados deste estudo.

Abrindo a segunda sessão de debates do encontro, em “O Poeta em Ato: o processo de criação pessoano segundo Jorge de Sena”, Daiane Walker Araujo destaca uma diferença fundamental importância entre a crítica de Jorge de Sena a propósito do criador dos heterônimos e a de seus colegas presencistas: desde muito cedo, Sena compreendeu “o ímpeto de Pessoa em *criar-se*, e não em *expressar-se*”. A leitura que nos apresenta gira em torno dessa particularidade do crítico. No ensaio “Ela canta, pobre ceifeira”, Sena procura flagrar Pessoa no ato da escrita, recorrendo ao cotejo das diferentes versões do poema-título, para, a partir do interesse inicial sobre a evolução de sua consciência estética, investigar o processo criativo pessoano de uma perspectiva psicológica. Ali, já distante da noção então corrente de “homem de gênio”, Sena persegue a diferença entre o homem e o artífice. A partir dessa reflexão inicial, a investigadora convida-nos a acompanhar essa reconstrução do “poeta em ato” a partir do “Poema apócrifo de Alberto Caeiro”, por ela adotado como “interpretação crítico-poética do processo de criação pessoano”. Segundo a presente leitura, ao inscrever-se no jogo heteronímico, uma vez que o termo “apócrifo” passa a implicar, no processo de despersonalização dramática, tanto a presença de Sena, como do próprio Pessoa, o poema de Sena analisa o preciso momento em que Pessoa estaria prestes a escrever o “oitavo poema do Guardador de Rebanhos”.

Como a crítica encara as autodesignações de Pessoa “poeta dramático” e “dramaturgo”? É esta a pergunta lançada por Flávio Rodrigo Penteadó na sequência dos trabalhos. Em “Pessoa dramaturgo: uma questão crítica”, o pesquisador nos apresenta, inicialmente, as visões pontuais de dois eminentes críticos teatrais portugueses, cujas perspectivas convergem em mais de um ponto: Luiz Francisco Rebello e Duarte Ivo Cruz. Por privilegiarem a representação cênica, e sendo o teatro pessoano, a seu ver, pouco cênico, ambos os críticos enxergam *O Marinheiro* como tentativa malsucedida de Pessoa no campo dramaturgicó, e as demais peças inacabadas, experiências sem maior interesse. Essa lacuna da crítica teatral, no que tange ao capítulo referente ao teatro pessoano, reflete uma visão, em geral, depreciativa a esse respeito, germinada já nas bases desse cânone crítico: Jacinto do Prado Coelho, Jorge de Sena, João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro. Interessante é notar como a conhecida expressão “romancista em poetas”, cunhada por Casais Monteiro, e que poderia ser tomada como avesso do “dramaturgo”, é analisada pelo pesquisador: “O que Casais Monteiro faz, no entanto, é apenas substituir a designação ‘dramaturgo’ por ‘romancista’”. O presente estudo abre novas possibilidades de análise e avaliação, ao revelar que sob o juízo compartilhado da “incapacidade teatral” radica um

modelo de julgamento pautado numa tradição teatral (shakespeariana, mais recorrentemente) distinta daquela instaurada pelos dramas estáticos.

Já na sessão de encerramento do encontro, Pedro Sepúlveda propõe-se a discutir, em “A redução crítica da heteronímia”, o problema exposto no título de sua comunicação, fundamentado em explicações do fenômeno exteriores a ele. Sem ratificar tal espécie de leitura, o pesquisador, tendo elegido as propostas de Eduardo Lourenço e Adolfo Casais Monteiro como ilustrativas da perspectiva em questão, busca salientar os componentes textual, literário e editorial da empreitada pessoana. No entanto, longe de repelir as posições que ambos os críticos adotam, a abordagem por ele sugerida esforça-se em assimilar-lhes os acertos. Deste modo, é reconhecida, nas interpretações de Lourenço, a consciência da inevitável “necessidade de impor certas chaves de leitura” que permeia toda e qualquer atividade crítica, bem como, nas de Casais Monteiro, a observação de um desenvolvimento da obra de Pessoa que não se guia pela “existência de uma evolução linear”, antes obedecendo a uma dinâmica pautada pela permanente “entrada e saída de novos elementos”, algo bastante visível, segundo sustenta Sepúlveda, “nos textos de pendor descritivo ou sistêmico, tal como os prefácios ou os projetos de edição e publicação da obra” que nos foram legados pelo criador dos heterônimos. O artigo termina por reiterar, assim, a persistência e relevância, ainda no presente, de posições e intuições adotadas por grandes críticos do passado.

Fechando os trabalhos, em “Casais, Sena e Lourenço: sobre a ironia pessoana”, a abordagem que Mateus Lourenço propõe da obra de Pessoa foca o tema da ironia como conceito que, para além de suas múltiplas ramificações discursivas, define a cosmovisão do poeta. Tal amplitude sugere que uma capacidade poética profundamente irônica de si mesma, tal como desenvolvida por Pessoa, associa-se diretamente ao desdobramento heteronímico. É sob essa ótica, e não sem reconhecer as suas particularidades, que o pesquisador da Universidade de São Paulo propõe o diálogo entre estudos de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Eduardo Lourenço. Nesse sintético cruzamento de leituras, se o crítico presencista relaciona, ainda que de passagem, a fisionomia irônica de Pessoa com o conceito de ironia romântica, Sena, ao conferir-lhe maior ênfase, com ela se debate. Isso ocorre porque a ironia foi um modo de Pessoa revogar, através de suas máscaras, uma escolha que, para Sena, é de natureza mais propriamente ética, isto é, a assunção de uma identidade. Por fim, o pesquisador considera que, se a identidade e a experiência são termos-chave da crítica e da poética senianas, é justamente com a desconfiança

que eles despertam, e com relação à sua comunicabilidade, que Eduardo Lourenço associa o caráter irônico da obra do autor.

Dada a proporção do evento que serviu como base para este número, e tendo em vista um segundo encontro em torno do mesmo tema, a se realizar na Universidade Nova de Lisboa, em fevereiro de 2018, as escolhas de ambos os grupos se restringiram a alguns nomes fundamentais da fortuna crítica pessoana, cujos títulos principais são incontornáveis a qualquer estudioso do poeta. Aqui, os autores recorrentes, sem que houvesse qualquer deliberação conjunta por parte dos palestrantes a esse respeito, foram Jorge de Sena, Eduardo Lourenço, Adolfo Casais Monteiro, Jacinto do Prado Coelho, João Gaspar Simões e Georg Rudolf Lind. Chama a atenção que o autor mais visitado pelos pesquisadores deste caderno seja Jorge de Sena, justamente aquele cuja obra crítica sobre Pessoa é a menos sistemática, e o único a não ter publicado um volume sobre o autor, uma vez que *Fernando Pessoa e Cia. Heterónima* (1982) é uma compilação póstuma, editada por Mécia de Sena, sua viúva e editora. Como editores deste número, parece-nos que a variedade de abordagens conferidas à crítica de Sena, a exemplo do que ocorre com Lourenço e os demais críticos referidos, sintetiza exemplarmente, afinal, as diretrizes mais visíveis das releituras aqui propostas: a necessidade de reconhecimento e reavaliação da crítica do passado à luz de uma perspectiva presente.

Caio Gagliardi e Flávio Rodrigo Penteadó

São Paulo, novembro de 2017.